

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
CENTRO INTEDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

**LENI CUNHA LOPES**

**“NOVAS TECNOLOGIAS” NA ESCOLA PÚBLICA,  
GESTÃO DEMOCRÁTICA E CULTURA POPULAR**

**Porto Alegre**

**2013**

**LENI CUNHA LOPES**

**“NOVAS TECNOLOGIAS” NA ESCOLA PÚBLICA,  
GESTÃO DEMOCRÁTICA E CULTURA POPULAR**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientador:**

**Prof. Érico Marcelo Hoff do Amaral**

**Porto Alegre**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**Reitor:** Prof. Carlos Alexandre Netto

**Vice-Reitor:** Prof. Rui Vicente Oppermann

**Pró-Reitor de Pós-Graduação:** Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

**Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação:**

Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

**Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação:**

Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

As escolas podem perfeitamente se tornar locais singulares [...] desde que nós nos permitamos reimaginá-los e reconstruí-los de uma forma inteiramente nova, em negociação com aqueles que um dia tomarão nosso lugar.

(GREEN; BIGUM, 1995)

## RESUMO

Esta pesquisa apresenta um estudo sobre a crescente influência das chamadas “novas tecnologias” no contexto da educação pública brasileira, consideradas sob a ótica da manifestação, naquele ambiente, de novas perspectivas pedagógicas focadas no estímulo à aquisição, pelos alunos, de competências que os habilitem a participar, ativamente, da “Sociedade do Conhecimento”. Partindo de uma revisão da literatura acerca da temática (a qual discute, também, o impacto de tais mudanças sobre a gestão democrática da escola e a emergência da cultura popular nesse mesmo contexto) descreve as principais práticas associadas ao emprego das “novas tecnologias” no contexto de algumas escolas da rede estadual de ensino de Rio Pardo)RS, concluindo que, além de deficiências de infra-estrutura que influem no processo de informatização daquelas unidades de ensino, subsistem carências de pessoal habilitado e de planejamento pedagógico capazes de permitir a conquista de novos patamares de apropriação desses recursos na prática de sala de aula.

**Palavras-chave:** “Novas Tecnologias” na Educação - Gestão Democrática da Escola - Cultura Popular

## **ABSTRACT**

This paper focuses on the growing influence of so-called "new technologies" in the context of public education in Brazil, considered from the perspective of the manifestation, in that environment, new pedagogical perspectives focused on stimulating the acquisition by students of powers enabling to participate actively in the "Knowledge Society". Based on a literature review on the topic (which also discusses the impact of such changes on the democratic management of the school and the emergence of popular culture in that context) describes key practices associated with the use of "new technologies" in the context schools from state schools of Rio Pardo, RS, concluding that, in addition to infrastructure deficiencies that influence the process of computerization of those teaching units, there are shortages of skilled staff and planning pedagogical able to permit the conquest of new levels of ownership of these resources in classroom practice.

**Keywords:** 'New Technologies' in Education - Democratic Management of the School - Popular Culture

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Laboratórios de Informática com professor monitor (professor com dedicação exclusiva)

Figura 2: Orientação aos professores para emprego das “novas tecnologias” em sala de aula

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA .....	11
1.2 OBJETIVO GERAL.....	11
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	11
1.4 HIPÓTESES.....	12
<b>2 REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>13</b>
2.1 NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA PÚBLICA BRASILEIRA: VISÃO GERAL	14
2.2 PARTICULARIDADES DA GESTÃO DEMOCRÁTICA DA ESCOLA EM TEMPOS DE REDES SOCIAIS.....	19
2.3 EDUCAÇÃO DIGITAL E CULTURA POPULAR .....	24
<b>3 METODOLOGIA E IMPLEMENTAÇÃO .....</b>	<b>31</b>
3.1 METODOLOGIA.....	31
3.2 IMPLEMENTAÇÃO .....	32
<b>4 RESULTADOS.....</b>	<b>33</b>
<b>5 POSSÍVEIS ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA FOCADAS NA OTIMIZAÇÃO DOS RESULTADOS VERIFICADOS.....</b>	<b>36</b>
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>42</b>
ANEXO A: INSTRUMENTO DE PESQUISA .....	43

# 1 INTRODUÇÃO

A inserção das chamadas “novas tecnologias”, mais especificamente no que se refere ao uso dos laboratórios de informática, na escola pública brasileira, tem se mostrado como uma questão de grande complexidade, já que tem exigido dos gestores escolares crescentes esforços. Esforços esses no sentido, não apenas de dominarem os procedimentos a elas relacionados, mas principalmente no que se refere ao seu adequado emprego por parte de toda a comunidade escolar. Ou seja, a escola, na atualidade e com a ajuda das salas de informática deverá criar espaços para a interação e para atividades de autoria.

Partindo de vivências práticas associadas à temática, no âmbito da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul, entre as quais a percepção do limitado aproveitamento, pelos professores, alunos e equipe gestora, dos recursos de informática, este trabalho busca apresentar/discutir algumas perspectivas de aproximação entre as “novas tecnologias”, aqui definidas como o uso dos laboratórios de informática e a gestão democrática.

Temática relevante para tal debate, o domínio dos recursos de informática pelos alunos, tal como promovido no contexto externo à escola – e o crescente acesso dos mesmos a uma infinidade de saberes originados do ambiente cultural – sugere caminhos para novas abordagens educacionais neste campo.

Dessa maneira, o presente estudo foi dividido da seguinte forma: o capítulo 1 apresenta o problema da pesquisa, os objetivos dessas e as possíveis hipóteses sobre o assunto proposto. O capítulo 2 apresenta uma visão geral sobre as novas tecnologias e o impacto destas na escola pública brasileira.

No Capítulo 3, são apresentados a proposta de implementação da pesquisa, a descrição desta, o público alvo envolvido e as facilidades e dificuldades encontradas durante o trabalho para a implementação da pesquisa aqui apresentada. A partir destes, se discute, no Capítulo 4, com base em entrevistas promovidas com os gestores de 5 escolas da rede pública estadual de Rio Pardo, as informações a respeito do uso das salas de informática naquele âmbito.

Já no capítulo 5 são apresentadas algumas estratégias visando a intervenção pedagógica, focadas na otimização dos resultados verificados, bem como à

superação dos obstáculos relacionados ao emprego das “novas tecnologias” como instrumento para a gestão democrática da escola.

Como se verá durante todo este trabalho, não apenas a escola se encontra diante de exigências cada vez maiores, no que tange à sua capacidade de responder às questões emergentes na sociedade, mas também a sociedade.

### 1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Sabendo-se que o problema de pesquisa deve ser aquilo que, por alguma razão incomoda, instiga o desejo de investigar, de intervir, a questão que permeará a pesquisa é:

Como as escolas aqui pesquisadas têm enfrentado os desafios propostos pelas “novas tecnologias” e quais as relações destas com o processo de gestão democrática do ensino e a influência da cultura popular sobre o contexto educacional ora vivenciado?

### 1.2 OBJETIVO GERAL

Compreender como quatro escolas da rede pública estadual do município de Rio Pardo/RS estão enfrentando os desafios propostos pelas “novas tecnologias”, as relações destas com o processo gestão democrática do ensino e a influência da cultura popular sobre o contexto educacional ora vivenciado.

### 1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Promover pesquisa bibliográfica, a fim de conceituar adequadamente os termos “novas tecnologias” na educação, gestão democrática do ensino e a influência da cultura popular sobre o contexto educacional.

- Realizar pesquisa de campo, junto aos gestores das escolas da rede estadual de educação de Rio Pardo, RS, através da aplicação de instrumento de pesquisa voltado à coleta de dados vinculados às temáticas em estudo.

- Propor estratégias de intervenção pedagógica focadas na otimização dos resultados verificados, bem como à superação dos obstáculos relacionados ao

emprego das “novas tecnologias” como instrumento para a gestão democrática da escola.

#### 1.4 HIPÓTESES

As hipóteses aplicadas ao presente estudo incluem:

a) Que o emprego das “novas tecnologias” na escola pública ainda se apresenta como prática “complementar” ao ensino, não se constituindo como práticas cotidianas e de aprendizagem colaborativa;

b) Que as “novas tecnologias”, se consideradas enquanto instrumento de valorização da “cultura popular” na escola, podem resultar em propostas pedagógicas inovadoras e capazes de estimular a participação dos alunos; e

c) Que as escolas da rede estadual de ensino de Rio Pardo, RS, aqui pesquisadas, se encontram defasadas com relação ao manejo pedagógico das “novas tecnologias”, necessitando de maior aprofundamento teórico-prático para seu adequado emprego.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

Sabemos que a escola deve ser a promotora de experiências múltiplas para o educando, por isso aprimorar-se no convívio grupal, na responsabilidade para com tarefas a serem realizadas, no limite entre o 'sim' e o 'não' e administrar conflitos são atitudes e responsabilidades a serem trabalhadas constantemente pela escola.

Acrescenta-se a isso, o fato de que ano após ano, educadores e educandos são desafiados a se adaptarem às novas exigências: novos saberes, novas responsabilidades e tecnologias, auxiliando no seu crescimento enquanto indivíduo.

Sendo assim, esse trabalho ora apresentado busca compreender como cinco escolas da rede pública estadual do município de Rio Pardo/RS estão enfrentando os desafios propostos pelas “novas tecnologias”, aqui compreendidas como os recursos ligados às salas de informática, as relações destas com o processo gestão democrática do ensino e a influência da cultura popular sobre o contexto educacional ora vivenciado.

Conforme Fróes (apud Lopes, 2002), “A tecnologia sempre afetou o homem (...), a tecnologia nos ajuda, nos completa, nos amplia...”, dessa forma, optou-se por analisar esse contexto em cinco escolas da rede estadual de ensino do município de Rio Pardo/RS, quatro que atendem somente alunos do ensino fundamental e uma que atende alunos do ensino fundamental e médio.

Dessa forma, esse capítulo traz, inicialmente, uma visão sobre as novas tecnologias na escola pública brasileira, em especial, no que se refere ao uso das salas de informática, abordando na sequência as particularidades da gestão democrática da escola em tempos de redes sociais, pois conforme afirma ALMEIDA(s.r) “compreender o que é a gestão de tecnologias na escola implica começar a pensar no conceito primeiro de tecnologia e de gestão”, ou seja, para que a escola, efetivamente, desenvolva ações efetivas e eficazes no trabalho pedagógico a partir do uso da sala de informática é necessário compreender a gestão democrática como um projeto que visa o sucesso do educando enquanto aluno e também como cidadão, ou seja, a educação é algo que está no coração da sociedade. Sociedade essa do conhecimento.

Para que possamos nos adaptar e preparar nossos alunos para essa sociedade do conhecimento se faz necessário democratizar o conhecimento, só assim estaremos caminhando na busca por uma escola de qualidade e, nesse contexto, há uma necessidade imprescindível de as propostas de educação digital estarem aliadas a cultura popular que hoje exerce um grande impacto sobre a individualidade dos jovens que chegam às escolas. Nesse sentido, também nos propomos neste capítulo a fazer um breve estudo sobre a relação entre educação digital e cultura popular.

## 2.1 NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA PÚBLICA BRASILEIRA: VISÃO GERAL

Para que se possa melhor descrever o impacto das novas tecnologias na escola pública brasileira é preciso, antes de tudo, definir o atual momento histórico em face da emergência do conceito de “sociedade do conhecimento”, o qual determina, em larga escala, as mudanças operadas no contexto educacional, tanto em termos epistemológicos quanto em relação à prática pedagógica em si.

De acordo com Squirra (2005), a caracterização do que venha a ser, de fato, a “sociedade do conhecimento”, é tarefa árdua, visto que sua influência sobre todos os campos da atividade humana acaba por estimular leituras diversificadas, as quais nem sempre se detêm sobre os aspectos relativos à sua origem e formas de manifestação.

Conforme o mesmo autor, assim, parece suficiente que se afirme que

um denominador comum aponta que a **Sociedade do Conhecimento** representaria a combinação das configurações e aplicações da **informação** com as tecnologias da comunicação em todas as suas possibilidades. (SQUIRRA, 2005, p. 258) [grifos do autor].

Diante de tal fenômeno – capaz de catapultar, positivamente, as potencialidades dos cidadãos do século XXI, segundo a lógica dos que defendem suas prerrogativas -, não são poucas as críticas dirigidas à elevada perspectiva de exclusão social que o mesmo traz consigo, a qual engendra o que Duarte (2008) denomina como “ilusões da Sociedade do Conhecimento”.

Para o autor citado, assim, a primeira ilusão se refere a que à falácia de que “o conhecimento nunca esteve tão acessível como hoje, isto é, vivemos numa

sociedade na qual o acesso ao conhecimento foi amplamente democratizado pelos meios de comunicação, pela informática, pela internet etc.” (DUARTE, 2008, p. 14), ou seja, o que antes constituía-se em algo quase utópico para a sociedade hoje surge como uma possibilidade de aperfeiçoar os processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos pelas diferentes áreas do conhecimento.

A segunda ilusão, por sua vez, indica que é preciso ensinar o educando a pensar e, sobretudo, aprender a fazer, tendo a capacidade para planejar e resolver problemas. Para isso, a escola precisa criar inúmeras e diferenciadas propostas de atividades para seus alunos, tornando assim a aprendizagem algo mais prazeroso, instigante e, que vai muito além das quatro paredes da sala de aula, pois

a capacidade para lidar de forma criativa com situações singulares no cotidiano, ou, como diria Perrenoud, a habilidade de mobilizar conhecimentos, é muito mais importante que a aquisição de conhecimentos teóricos, especialmente nos dias de hoje (DUARTE, 2008, p. 14).

O mesmo Duarte (2008) indica, como terceira ilusão, que:

o conhecimento não é a apropriação da realidade pelo pensamento, mas sim uma construção subjetiva resultante de processos semióticos intersubjetivos, nos quais ocorre uma negociação de significados. O que confere validade ao conhecimento são os contratos culturais, isto é, o conhecimento é uma convenção cultural (p. 14-15).

A partir dessa ilusão proposta por Duarte, precisamos compreender que os alunos que hoje recebemos em nossas escolas são donos de uma cultura própria, que existe por si só e que é muito forte. Sendo assim, não apenas a escola se encontra diante de exigências cada vez maiores, no que tange à sua capacidade de responder às questões emergentes na sociedade, mas também a sociedade, e mais especificamente a família, têm demonstrado dificuldades em se aproximar das novas subjetividades decorrentes de um processo global de valorização de variados elementos culturais.

A quarta ilusão da Sociedade do Conhecimento, de sua parte, envolve a percepção de que “os conhecimentos têm todos o mesmo valor, não havendo entre eles hierarquia quanto à sua qualidade ou quanto ao seu poder explicativo da realidade natural e social” (DUARTE, 2008, p. 15), o que precisamos considerar são as relações existentes entre currículo e culturas, demonstrando a necessidade de reconhecer a multiplicidade e a diversidade como elementos constitutivos do trabalho educativo desenvolvido pela e na escola, o que nos faz pensar também na

necessidade de repensar os currículos, flexibilizando ou adaptando-os a ritmos e tempos.

Finalmente, a quinta ilusão, tal como identificada pelo autor supracitado, se relaciona ao apelo à consciência dos indivíduos, seja por meio das palavras, seja por meio dos bons exemplos dados por outros indivíduos ou por comunidades, constitui o caminho para a superação dos grandes problemas da humanidade, conforme Duarte (2008, p. 15).

Tais considerações, ao passo em que evidenciam elementos capazes de desconstruir a concepção corrente de “Sociedade do Conhecimento” – bem como as “maravilhas” associadas à sua aceitação por todos os ambientes -, abrem margem para afirmações como a de Squirra (2005), para quem o quadro atual é indicativo de que “a distância entre os que tinham mais e os que tinham menos acesso à informação se alarga indefinidamente com a implementação sucessiva – e cada vez mais intensa – de mais recursos tecnológicos” (p. 262).

É neste marco que se insere o debate atual acerca da inclusão das novas tecnologias na educação brasileira, o que, devidamente considerado, diz respeito a uma intensificação do emprego de tais recursos em sala de aula, visto que, conforme Valente (1999) “a utilização de computadores na Educação é tão remota quanto o advento comercial dos mesmos.” (p. 11), já que poucos profissionais da área educacional sentem-se preparados a junto com os educandos desvenderam os mistérios da nova era tecnológica e elaborar com eles projetos que atendam de maneira criativa e prática os interesses dos jovens que chegam às escolas. Ou seja, é necessária uma urgente reformulação nos conteúdos curriculares educacionais e nos projetos político-pedagógicos das escolas, nos quais as salas de informática devem ser ambientes de produção de aprendizagem, de troca de saberes entre educandos e educadores. Isso pressupõe, que a escola e, em especial, cada educador conheça melhor seu aluno, a experiência deste e crie estratégias para que o aprender torne-se algo instigante e desafiador para o aluno.

Isso pressupõe compreender que a integração da tecnologia no ambiente escolar contribui, significativamente, para a mudança das relações, incita projetos interdisciplinares, dando embasamento para a formação de novas competências, sobretudo, a análise e solução de problemas. E por esse motivo, implica disposição à mudança, aprendizagem e aperfeiçoamento constantes.

Sabe-se que atualmente existem muitas limitações que impedem que o educador exerça com maior eficácia suas atividades. E a superação dessas limitações, no entanto, não dependem exclusivamente deste nem só do sistema escolar, depende principalmente de mudança na estrutura social. Sendo assim, o diálogo constante na escola é algo fundamental, já que as novas tecnologias e o uso da informática adquirem com rapidez maior espaço na realidade dos estudantes e na escola pública brasileira. É imprescindível que, constantemente, toda a comunidade escolar esteja questionando-se como a tecnologia está integrada no ambiente escolar já que esta deve tornar-se parte integradora da escola e tão acessível como as outras áreas.

Assim, a escola precisa mudar para manter uma relação de interação com os alunos desse novo tempo, que não podemos esquecer é constantemente mutável, ou seja, conforme Narodowski reciclar-se, reacomodar-se a partir de um projeto coletivo é a solução para adequar-se aos novos tempos.

Porém, esse reacomodar-se e/ou reciclar envolve analisar o “velho”, rejeitando aquilo que não é mais adequado, considerando aquilo que ainda é adequado e, sobretudo, compreendendo que o conhecimento deve ser compreendido a partir de outros olhares e, sobretudo, como algo vivo e atualizado, mesmo que isso implique, e certamente implicará, em a escola perder sua identidade (digamos ultrapassada, já que esta já não é mais condizente com os tempos e os interesses atuais) e construir uma nova identidade, junto com sua comunidade, a partir de um processo de gestão democrática e própria da e para a atualidade que se apresenta com tantas diversidades.

Neste contexto de mudanças rápidas e dinâmicas no campo educacional, observa-se que entre as principais bandeiras levantadas pelos defensores de políticas públicas focalizadas na atualização tecnológica da escola pública brasileira, nenhuma parece obter maior repercussão na mídia do que a que se volta à inserção, nas unidades de ensino, de kits de computadores e internet banda larga.

De fato, o acesso de professores, estudantes e gestores escolares às “novas tecnologias” que modificam os procedimentos pedagógicos em todas as partes do mundo se faz presente, no Brasil, através da instrumentalização das escolas, por meio de iniciativas como o “Projeto Um Computador Por Aluno”, mantido pelo governo federal, o qual “tem a finalidade de promover a inclusão digital, por meio da distribuição de 1 computador portátil (laptop) para cada estudante e professor de

educação básica em escolas públicas” (UCA – Projeto Um Computador Por Aluno, s.d.).

Independente da abrangência de programas como esse, iniciado em 2007, ou do tipo de equipamento distribuído às escolas (computadores de mesa ou portáteis), o que merece atenção, nesse processo, são as limitações associadas ao seu emprego, visto que boa parte dos professores não possui conhecimentos de informática capazes de integrar as máquinas ao seu cotidiano.

Segundo Almeida, na maioria dos casos, o que se constata é que

a trajetória percorrida na introdução de tecnologias na escola pode caracterizar-se pela sujeição de professores, alunos, coordenadores e gestores a meros consumidores de informações, apresentando-se como uma barreira à criação de ambientes de aprendizagem mais abertos, permeáveis, flexíveis e participativos (2005, s.p.).

Nesse processo de inserção das novas tecnologias, e aqui mais especificamente, das salas de informática nas escolas é necessário que os gestores juntamente com os demais integrantes da comunidade escolar encontrem/busquem possibilidades de oferecer ao educando a possibilidade de aproximar a realidade deste do que desenvolvemos na escola, ou seja, expandir o conhecimento da escola para além de suas paredes, pois como afirma Dowbour(2001, p.9) “a educação já não pode funcionar sem se articular com dinâmicas mais amplas que extrapolam a sala de aula”.

Entre as “novas tecnologias” presentes na escola, as quais ultrapassam os equipamentos anteriormente demonstrados, incluem-se, ainda, a televisão e o vídeo, cuja utilização como recurso didático ocupa lugar enquanto suporte pedagógico em praticamente todas as disciplinas oferecidas na Educação Básica.

De maneira diferente do impacto causado pela informatização, todavia, tais equipamentos costumam requerer dos alunos uma participação menos decisiva, quando de sua manifestação no cotidiano escolar, visto que se prestam, em geral, a complementar os conteúdos associados aos livros didáticos.

No caso do emprego dos computadores a exigência de um conjunto de conhecimentos básicos que envolvem desde a manipulação da máquina, até o adequado controle de suas potencialidades, as dificuldades se multiplicam, exigindo dos professores e gestores competências cada vez mais específicas. É preciso aprender a equilibrar diferentes processos de organização e de provocação contínua e produtiva na escola, utilizando assim as salas de informática para aprimorar o

trabalho até então desenvolvido nas aulas. Eis, entre outras razões, o porquê da complexidade associada à atualização tecnológica da escola pública brasileira, onde muitas vezes as deficiências concretas de infra-estrutura em algumas escolas acabam por transformar o desejo de alinhamento aos novos tempos em uma aventura sem precedentes.

## 2.2 PARTICULARIDADES DA GESTÃO DEMOCRÁTICA DA ESCOLA EM TEMPOS DE REDES SOCIAIS

Sabemos que uma gestão democrática não se constrói sem um planejamento participativo, que envolva os segmentos representativos da comunidade escolar, tanto nos processos de tomada de decisão quanto na definição coletiva de metas e estratégias de ação.

Uma gestão democrática supõe acordos, negociações e, sobretudo, participação, na construção de projetos coletivos como garantia de sucesso dos mesmos. A participação dos diferentes segmentos da comunidade escolar nesse processo é fator relevante para o seu sucesso, pois agrega ao planejamento o compromisso e a co-responsabilidade na consecução das metas definidas em equipe.

Nesse sentido, os gestores escolares precisam estar sempre buscando o aperfeiçoamento, para assim criar em suas escolas um novo ambiente de trabalho, onde venham a liderar mudanças e a partilhar informações e poder, com o uso das tecnologias, num processo de organização do trabalho que promova e busque a qualidade do processo educativo desenvolvido na escola.

Entretanto, o que podemos observar é que espaços que deveriam constituir-se em exemplos reais de gestão democrática, em muitas de nossas escolas, acabam sem desempenhar seu verdadeiro papel na escola. Queremos assim ilustrar que a escola tem sido um espaço de muitas contradições. Há todo um discurso democrático e de inserção da comunidade no processo decisório, porém na prática, em muitas escolas, isso não tem acontecido como previsto.

Conforme PARO(2005, p.10),

se queremos uma escola transformadora, temos que transformar a escola que temos aí(...)É nesse sentido que precisam ser transformados o sistema de autoridade e a distribuição do próprio trabalho no interior da escola.

Pois,

o conceito de gestão democrática caracteriza-se, entre outras coisas, como espaço de participação ativa e substancial da comunidade escolar, autonomia administrativa, jurídica, financeira e pedagógica, descentralização e partilha do poder que leva em consideração as particularidades sociais, econômicas, políticas e culturais de cada comunidade envolvida para além dos muros das escolas, através da realização de um trabalho participativo, autônomo e democrático, envolvendo toda a comunidade escolar(s.r),

isto é, podemos e precisamos contribuir constantemente para o rompimento do autoritarismo que ainda permanece no interior das escolas e proporcionar uma reflexão quanto ao papel do gestor na busca de uma escola pública de qualidade.

Sendo assim, entende-se que a gestão escolar, balizada pela historicidade de cada unidade de ensino, deve tratar de acompanhar o desenvolvimento de cada comunidade, de cada época buscando equacionar o conhecimento e as competências, comunicando às novas gerações a produção cultural da humanidade tanto quanto a subjetividade daqueles que, interessados nos indivíduos se proponham a inverter a ordem vigente, transformando eles mesmos o cenário que à sua frente se dispõe.

Não sem motivos, a inserção das “novas tecnologias” ao cotidiano das escolas da rede pública provoca mudanças significativas nos processos de gestão, os quais, desde meados da década de 1980, vêm se pautando pela valorização de referenciais democráticos.

À gestão democrática da escola, assim, se soma o que se poderia qualificar como uma “gestão tecnológica” da escolarização, o que requer, antes de tudo, ações de qualificação profissional, a fim de tornar possível o manejo dos novos equipamentos por parte de professores, alunos e dos próprios gestores.

Conforme Almeida, isso decorre, em especial, da constatação de que, ao se depararem com as “novas tecnologias”, os gestores acabam por reconsiderar “distintos aspectos da gestão decorrentes do efeito de gerir, administrar, proteger, manter, colocar em ordem, ou seja, de tornar utilizáveis os recursos tecnológicos” (2005, s.p.). Ou seja, a gestão de tecnologias na escola, aqui delimitada como o uso da informática na/pelas escolas exige compreender e, sobretudo, articular duas áreas inerentes à atualidade: gestão e tecnologias, cuja culminância efetiva-se nas diferentes e possíveis propostas de trabalho aliadas ao uso do computador.

Em outras palavras, de acordo com a mesma autora:

Isto significa registrar, organizar, recuperar e atualizar as informações; produzir estratégias de comunicação e participação; abrigar e administrar as atividades, conteúdos e recursos; gerir ambientes e processos de avaliação; estabelecer novas relações com a história, consigo mesmo, com o mundo e com o saber (ALMEIDA, 2005, s.p.).

Ou seja, a escola, seu gestor e sua equipe de trabalho devem estar “abertos” às mudanças e apoiarem mutuamente as propostas de mudanças, de renovação do trabalho pedagógico na escola, a partir do uso do computador e de suas inúmeras possibilidades de integrar o conhecimento aos interesses de seus aprendizes.

Neste processo de busca constante pelo aperfeiçoamento do trabalho pedagógico, o gestor deve oportunizar condições para a utilização de diferentes tecnologias nas práticas escolares, de forma a redimensionar o espaço, o tempo e o modo de re/construir conhecimentos.

No que se refere à necessidade de integrar as “novas tecnologias” ao conjunto de processos vivenciados no ambiente escolar, há que se conferir um sentido aos instrumentos que, cada vez mais, atuam como fatores de mudança e, sobretudo, a função da gestão democrática para o sucesso do trabalho pedagógico a ser desempenhado nas escolas.

Um exemplo claro deste processo se refere à atual disseminação de salas de informática nas escolas (estimulada por projetos como o anteriormente apresentado): sua finalidade, em termos pedagógicos, deverá corresponder não apenas às exigências curriculares, mas também às particularidades de acesso dos alunos, mediadas pelos professores.

Como parece óbvio, a adequação deste processo à realidade de cada unidade de ensino pressupõe conflitos e rupturas, em razão de agregar novas perspectivas de comunicação entre todos os componentes do ambiente escolar.

De acordo com Moran, isso ocorre em razão de que “todos os processos se digitalizam, tanto os administrativos como os pedagógicos, tudo se integra com tudo, tudo e todos podem falar com todos.” (2009, s.p.) e, como consequência disso torna o processo de ensinar e aprender, na escola, em algo mais desafiador tanto para educadores quanto para educandos, buscando uma articulação entre a cultura até então existente e a tecnologia, ambas muito ricas e vitais em nossas vidas, já que ambas modificam completamente a vida das pessoas e, em especial, dos jovens.

Ao que se pode acrescentar: estimula a participação democrática de alunos, professores, pais e gestores, os quais passam a contar com ferramentas de diálogo

presentes em praticamente todos os contextos da sociedade, hierarquicamente horizontais e fortemente marcadas pela agilidade, uma das características da gestão democrática: a integração e a participação de toda a comunidade escolar de forma efetiva e ativa.

Para além das dificuldades de mensuração da qualidade das informações acessadas, em ambientes virtuais como a Internet, por todos os membros da comunidade escolar, a valorização, enquanto recurso pedagógico, dos elementos da cultura popular compartilhados pelos alunos, pode se mostrar como um excelente referencial para aproximações entre os interesses manifestados por esse grupo e os objetivos da escolarização.

Ao terem a oportunidade de atuarem como produtores de informação/saber, os alunos podem vir a experimentar novos papéis no processo educacional, desde que respeitados os pressupostos da gestão escolar democrática.

Um exemplo recente deste fenômeno contemporâneo se refere ao emprego das chamadas “redes sociais” (mais especificamente o Facebook) como plataforma para a disseminação de questionamentos relacionados aos mais diversos temas, o que se traduz em um processo eminentemente político, visto que permite aos indivíduos a exposição de valores e a crítica a situações do cotidiano.

No caso da escola pública brasileira, o conteúdo atrelado à página do Facebook intitulada “Diário de Classe”, criado por uma estudante catarinense com o intuito de expor os problemas presentes em sua escola, é indicativo do quanto as “novas tecnologias” podem ser empregadas no sentido acima discutido.

Isso fica claro já na apresentação da comunidade virtual, onde consta que: “Eu Isadora Faber que tenho 13 anos, estou fazendo essa página sozinha, para mostrar a verdade sobre as escolas públicas. Quero melhor não só pra mim, mas pra todos (DIÁRIO de Classe: a verdade..., s.d.).

Como ressaltado em matéria publicada pelo portal G1, assim:

Em menos de dois meses, a estudante Isadora Faber, de 13 anos, conseguiu, por meio das redes sociais, pressionar o governo para conseguir melhorias importantes em sua escola. O sucesso da iniciativa da aluna, que conseguiu uma reforma de emergência na escola onde estuda e uniu pais, alunos e professores, tem servido de inspiração para crianças, adolescentes e jovens de todas as partes do país (MORENO e CALDAS, 2012, s.p.).

Inspirados pela iniciativa, alunos de escolas públicas de diversas regiões do país têm estimulado o debate acerca da qualidade do ensino, a atuação dos

gestores e a infra-estrutura das unidades de ensino, sendo que “dezenas de páginas semelhantes foram criadas no Facebook para expor problemas como janelas quebradas, salas de aula sem ventilação e falta de professores” (MORENO e CALDAS, 2012, s.p.).

Apesar disso, profissionais da área da educação discutem a efetividade do processo iniciado por Isadora, como exposto pelos responsáveis pelo blog “Diário de Classe” (blog homônimo voltado à qualificação de professores), segundo o qual:

Maaaaas... A pergunta que não quer calar é a seguinte: o que vai ser feito de melhoria na educação a partir de agora?  
Provavelmente, nada. Quer dizer, a escola onde a menina estuda já está sendo reformada, lá estão chegando novos equipamentos e a merenda parece ter melhorado (pelo menos é o que se nota pelas novas fotos postadas na fanpage). Mas isso não é nada para mudar a dura realidade da educação do nosso País.  
Iniciativas como a de Isadora são, indiscutivelmente, eficazes. Mas não podem ser pontuais. (ISADORA não vai resolver o nosso problema, 2012, s.p.).

O alcance do “movimento” suscitado pela atitude da estudante de 13 anos, de fato, só poderá ser dimensionado a partir do desenrolar dos acontecimentos – o que conferirá, ou não, concretude às solicitações dos alunos das escolas públicas brasileiras envolvidas neste processo -, mas parece certo perceber tal fenômeno sob a ótica da apropriação, pelos membros desse grupo, das “novas tecnologias” como instrumentos capazes de ampliar a participação democrática no país.

Ganha relevância, neste cenário, a análise dos pontos de vista dos gestores escolares, que à parte concentrem as tarefas de implementação e manejo das “novas tecnologias” em suas unidades de ensino, necessitam de subsídios capazes de estimular a potencialização das mesmas diante dos pressupostos da gestão democrática do ensino.

Em outras palavras, como ressaltado por Menezes (2012, p.106),

vivemos hoje em dia uma transição e, em breve, o relacionamento entre escolas, alunos e famílias estará naturalmente imerso na forma de comunicação que notabilizou Isadora – e que vai proliferar. Ao se preparar para isso, a escola pode começar por incluir os jovens em discussões sobre normas da escola e regras de convívio também nas redes sociais

Neste cenário, é imprescindível que a escola entenda que as redes sociais podem e devem ser usadas como instrumento de posicionamento do indivíduo, frente ao mundo no qual está inserido, ou seja, como formas dialogantes entre

cultura escolar e o avanço das novas tecnologias e, nesse caso, mais precisamente, do uso produtivo, interativo e instigante das salas de informática.

Como não se pode deixar de observar, a “abertura” da escola, provocada por tais instrumentos, acaba por ampliar a penetração de conteúdos originados do ambiente cultural, o que, também, promove transformações no âmbito de suas práticas.

Mais e mais, elementos da cultura popular tendem a se manifestar no contexto educacional, seja através do acesso às informações permitido pelo emprego das “novas tecnologias” em sala de aula, seja pela crescente influência dos “saberes” adquiridos por alunos e professores em ambientes virtuais como a Internet.

### 2.3 EDUCAÇÃO DIGITAL E CULTURA POPULAR

Sabemos que, de forma muito rápida, a sociedade tornou-se digitalizada e, como consequência disso, a escola também passa a receber influências dessas transformações e diante dessas sabemos que não podemos ignorá-las, pois tentar ignorá-las seria o fim enquanto escola diante do fenômeno da globalização, que exige, mesmo que indiretamente a readequação enquanto escola às transformações da sociedade que ocorrem de maneira dinâmica e, por que não dizer, quase que incontrolável.

Neste âmbito, a cultura popular adquire papel de destaque no processo de escolarização como vivenciado no século XXI, visto que seu impacto sobre a subjetividade dos jovens, em especial, acaba por modificar a maneira como os alunos interagem com as diretrizes educacionais.

Desse modo, precisamos compreender a educação digital como a possibilidade de dinamizar de forma inovadora os processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos na e pela escola, objetivando, sobretudo, melhorar a qualidade do processo educacional e atender aos interesses dos educandos.

Já a cultura popular pode ser compreendida como a percepção da presença de referenciais culturais no ambiente educacional, sem contudo considerá-los inadequados à formação da subjetividade contemporânea.

Ambos os conceitos devem ser entendidos como possíveis tentativas de abertura para os valores obtidos pelos alunos em outros contextos pedagógicos, como a mídia, subentendendo-se assim a necessidade emergente de a escola valorizar o processo de ensino-aprendizagem embasado em referências culturais múltiplas advindas das vivências de seus alunos e comunidade escolar.

Responsáveis por alguns dos principais estudos relacionados à influência das “novas tecnologias” sobre as práticas educativas contemporâneas, Green; Bigum refletem, a respeito do exposto, que:

O que precisa ser enfatizado e investigado, entretanto, é que essa grande mudança cultural e epistemológica envolve mudanças em termos de tecnologia e pedagogia e, portanto, novas compreensões da relação entre tecnologias e pedagogias, escolarização e cultura da mídia (2009, p. 221).

As novas tecnologias de informação têm participado ativa e efetivamente no processo de formação dos indivíduos, como estes constituem a si próprios e o processo de formação de sua identidade a partir das relações com o outro e a partir do olhar do outro.

Tais tecnologias têm sido constantes em nosso meio e também comuns entre os adolescentes e jovens que frequentam nossas escolas, ou seja, essas transformações têm atingido, definitivamente, a escola e todos os seus envolvidos, fazendo-nos, enquanto educadores, pensar as identidades, subjetividades e as implicações desse novo processo no currículo escolar.

Objetivamente, o que parece estar em foco, ao se analisarem os desafios inerentes à atualização tecnológica das escolas públicas, brasileiras ou estrangeiras, é a capacidade da instituição permanecer atuante como espaço de construção do saber, considerando os conhecimentos adquiridos pelos professores, alunos e gestores em outros contextos, acessíveis através dos novos recursos da informática, em especial.

Entre estes, pode-se observar que o de maior repercussão, efetivamente, é a rede mundial de computadores, a Internet, cuja capacidade de armazenamento e disseminação de informações cresce exponencialmente desde sua criação, no final do século XX.

Responsável por grande parte do “aprendizado” de crianças e adolescentes na atualidade, seu caráter livre e independente – qualquer pessoa, em qualquer

lugar, pode atuar como produtor de conteúdo – não apenas exige dos professores e gestores que atuem como “filtros” para um adequado uso em sala de aula, como pressupõe a definição de regras claras para sua utilização como recurso pedagógico.

Para tanto, como em qualquer metodologia proposta que vise o ensinar e o aprender diferente, utilizar uma ferramenta tecnológica não seria diferente. Por este motivo, ela precisa estar implantada em um projeto coletivo e bem planejado para produzir as mudanças que se desejam realizar e, sobretudo, para que proporcione ao aluno o apropriar-se do conhecimento de maneira construtiva.

Ou seja, não adianta a escola possuir a sala de informática onde a estrutura física aparentemente sustenta a ideia de escola munida de tecnologias, se esta está fechada, se não há investimentos nesta e se não há apropriação deste espaço tanto por parte do aluno quanto do professor, o que acaba tornando o uso obsoleto, uma vez que os professores muitas vezes não estão preparados para utilizar estas tecnologias.

Para Moran,

há que se ter em mente, antes de tudo, que “a Internet amplia nossa inserção no mundo, nosso contato com as informações, com outras pessoas, nos dá uma visibilidade além do nosso espaço geográfico, nos insere em redes sociais com muitas possibilidades de interação, trocas, aprendizagem. Exige a aprendizagem de novas competências digitais, integradas com saber conviver com as pessoas e espaços presenciais (familiares, profissionais, sociais) (2011, s.p.).

E nesse processo de integração é preciso tornar a sala de informática das escolas em um espaço de desafio, de pesquisa, de aprendizagem permanente, de ternura e reinvenção prazerosa do aprender, do (re)construir saberes.

Para além de tais questões, a rede mundial de computadores traz consigo, para o contexto da escolarização, múltiplas representações do ambiente social, o que equivale a dizer que, sem um fio condutor que confira discernimento a quem dela faz uso, envolve riscos como o de promover comportamentos sociais inadequados.

Se, para os alunos, o acesso às manifestações da cultura popular se mostra como o principal foco de interesse durante o processo de “navegação”, para os professores brasileiros, o recurso costuma se associar a outras demandas, como aponta pesquisa desenvolvida, recentemente, pela revista Nova Escola (2001, p.84-87), especializada em matérias de cunho pedagógico.

Ao apresentar os dados levantados, assim, Sayeg (2011, p.84) afirma que

[...]de modo geral, os educadores recorrem a dois campeões de audiência. O primeiro, nenhuma surpresa, é o Google, líder no ranking de sites de busca, preferido por 92% dos usuários brasileiros. O segundo é a Wikipédia, enciclopédia colaborativa que atingiu, em fevereiro deste ano, a impressionante marca de 17 milhões de verbetes (680 mil deles em português).

Tão importante quanto dominar os recursos tecnológicos que permitem o acesso às informações, é saber como discriminá-las, em um ambiente virtual onde a alta rotatividade de dados é capaz de confundir e mesmo atuar como elemento de “desinformação”, para qualquer perfil de usuário.

Neste sentido, a mesma fonte sugere alguns critérios fundamentais para o melhor aproveitamento da Internet, os quais podem ser de grande utilidade, também, para a mediação dos conteúdos trazidos à sala de aula pelos alunos.

Entre estes, merecem destaque:

- Identificar a informação confiável;
- Avaliar a qualidade das opiniões;
- Questionar o primeiro resultado do Google;
- Extrair o máximo de sua pesquisa;
- Usar a Wikipédia com sabedoria;
- Recorrer a bases e fontes conhecidas (SAYEG, 2011).

Para além destas modalidades de apropriação de ferramentas digitais, como a Internet, Duarte (2008) reflete que, tanto quanto os conteúdos inscritos nos currículos, a apropriação da cultura pelos indivíduos também se caracteriza como um processo educativo, tal como proposto pelos autores que se dedicam à análise dos “Estudos Culturais”.

Desta forma, como evidenciado pelo autor supracitado,

cabe assinalar que o processo de apropriação não se apresenta como um processo educativo apenas no âmbito da educação escolar. O caráter mediatizado do processo de apropriação da cultura assume características específicas na educação escolar[...]. Na realidade, a apropriação em qualquer uma das esferas da prática social assume sempre a característica de um processo educativo (p. 33),

isto pressupõe planejamento coletivo, diálogo constante entre educadores, conhecimento da realidade dos alunos para que assim a escola consiga reinventar-se, pois atualmente a mesma não é mais o único e exclusivo espaço de difusão cultural.

Os alunos que hoje recebemos em nossas escolas são donos de uma cultura própria, que existe por si só e que é muito forte. Sendo assim, não apenas a escola se encontra diante de exigências cada vez maiores, no que tange à sua capacidade de responder às questões emergentes na sociedade, mas também a sociedade, e mais especificamente a família, têm demonstrado dificuldades em se aproximar das novas subjetividades decorrentes de um processo global de valorização de variados elementos culturais.

Tais necessidades e possibilidades de reorganização em busca de atualização exigem estudo, muita leitura e diálogo com todos os envolvidos no processo educativo e, certamente, muitas desacomodações no trabalho desenvolvido pelo educador.

Na esteira desse processo, como enfatizado por Padilha (2012), “Ao professor, resta preparar-se para uma profunda revisão de postura” (p. 20), tendo em vista que “Ao inserir as tecnologias em sua prática, ele notará que são uma inesgotável fonte de aprendizagem e de experimentação, desde que esteja aberto ao lúdico, à cultura da tentativa e do erro, da troca e do fazer juntos” (PADILHA, 2012, p. 20).

Da mesma forma, de acordo com a autora supracitada, há que se observar que o aluno está ávido por estabelecer essa parceria e, quando o professor consegue se encantar e se enriquecer nesse processo ele constrói laços afetivos e intelectuais com seus alunos. O ganho em relações assim estabelecidas supera o esforço em despir-se da noção de autoridade que não nos serve mais e em trocá-la pela ideia de colaboração. O professor que dá esse salto vê resgatado o sentido de educar (PADILHA, 2012, p. 20).

Como evidenciado por Santomé, é consenso entre os pesquisadores organizados em torno dos Estudos Culturais em Educação, que aqueles que

rejeitam ou não concedem reconhecimento à cultura popular e, mais concretamente, às formas culturais da infância e da juventude (cinema, *rock and roll*, *rap*, quadrinhos, etc.) como veículo de comunicação de suas visões da realidade e, portanto, como algo significativo para o alunado, estão perdendo uma oportunidade maravilhosa de aproveitar os conteúdos culturais e os interesses que essas pessoas possuem como base da qual partir para o trabalho cotidiano nas salas de aula (2009, p. 165).

Sendo assim, para que a aprendizagem seja considerada interessante e desafiadora, a cultura, as vivências e as histórias de vida trazidas cotidianamente devem ser o “pontapé” inicial para todo o trabalho do educador, aliado então ao uso das tecnologias na escola, para que ambos facilitem ao aluno uma compreensão da realidade em que está inserido, possibilitando uma ação consciente no mundo e promovendo a ampliação de seu universo cultural.

Nesse sentido, a realidade cotidiana dos estudantes e o conjunto de informações por eles obtidas em todos os espaços que frequentam: família, círculo de amigos, comunidade, aliada aos conhecimentos propostos pela escola engrandecem a potencialidade da escola de explorar o contexto em que se insere, ajudando os alunos a melhorar a compreensão de suas realidades e a comprometer-se mais com o outro e com a sociedade da qual faz parte.

Assim, a escola estará transformando seu currículo num espaço de produção de significados, a partir de práticas coletivas e integradas que propicie a produção, a circulação de significados no espaço sócia, ficando claro, assim, a relação entre currículo e cultura.

No que tange a esse mesmo recorte, precisamos ainda, nos questionar, constantemente, sobre a diversidade de motivações e/ou contingências que condicionam a presença dos adolescentes e jovens nas escolas do país e, principalmente, por que nosso aluno está ali, que conhecimentos ele veio buscar, o que deseja/espera da escola...

Afinal, vivermos no contexto da diversidade cultural, motivo pelo qual ela deve ser um elemento presente e indagador do currículo, constituindo-se como um eixo orientador das experiências e práticas curriculares desenvolvidas na e pela escola.

Face a tais desafios, conteúdo encartado na revista Nova Escola, produzido pela Fundação Victor Civita, indica que o aprendizado, no século XXI, exige dos alunos o domínio das seguintes habilidades: criatividade, colaboração, organização de informações, resolução de problemas, cidadania digital e uso efetivo da tecnologia (INOVAÇÃO a favor da educação, 2012).

A descrição de cada uma delas é apresentada abaixo:

- **Criatividade**

Conceber trabalhos originais, gerar novas ideias, prever mudanças e desenvolver produtos e processos inovadores utilizando recursos tecnológicos

- **Colaboração**

Utilizar mídias e ambientes digitais para se comunicar e para trabalhar, para apoiar sua aprendizagem individual e para contribuir com o aprendizado dos outros. Com base nessas interações, ter consciência e compreensão de valores de outras culturas.

- **Organização de informações**

Planejar estratégias para suas pesquisas. Localizar, analisar, avaliar, sintetizar e utilizar as informações obtidas em uma variedade de fontes e meios de comunicação de forma ética e eficiente.

- **Resolução de problemas**

Identificar e resolver situações complicadas, bem como tomar decisões, usando as ferramentas adequadas. Planejar e gerenciar projetos para chegar às soluções necessárias.

- **Cidadania digital**

Compreender as questões humanas, culturais e sociais e ter um comportamento ético. Defender e praticar o uso seguro, legal e responsável da informação e da tecnologia.

- **Uso efetivo da tecnologia**

Entender conceitos de tecnologia, sistemas e operações. Selecionar e utilizar aplicativos de uma maneira eficaz e produtiva.

Diante de tais exigências, percebe-se a urgência da definição, por parte dos gestores das escolas públicas brasileiras, de alternativas pedagógicas capazes de estimular, entre os alunos e a comunidade escolar, práticas efetivas de apropriação das “novas tecnologias” que se manifestam no ambiente educacional.

Como se verá adiante, a análise das iniciativas relacionadas ao tema em foco, no âmbito do recorte geográfico contemplado pelo presente estudo, revela que ainda há muito a ser feito, a fim de se formularem estratégias aptas ao avanço neste sentido.

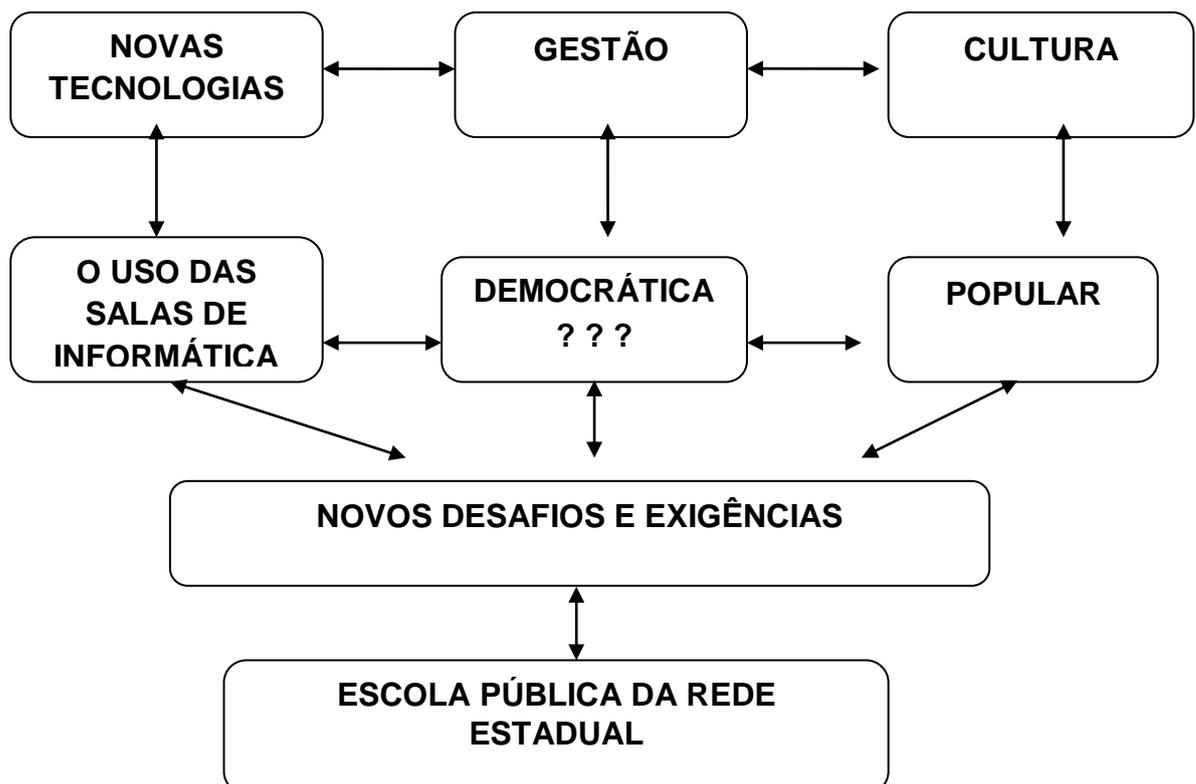
### 3 METODOLOGIA E IMPLEMENTAÇÃO

Considerando que o objetivo desta pesquisa é de analisar as relações existentes entre as “novas tecnologias”, o processo de gestão democrática e a cultura popular, é pertinente esclarecer os procedimentos referentes à metodologia e implementação necessários para o embasamento deste estudo.

#### 3.1 METODOLOGIA

Com o objetivo de analisar o impacto das “novas tecnologias” sobre o processo de gestão democrática das escolas da rede estadual de ensino de Rio Pardo, RS, em especial no que tange à implementação, manejo e potencialização dos recursos vinculados a tais práticas naquelas unidades de ensino, foi realizada uma pesquisa inicialmente teórica sobre as novas tecnologias, o processo de gestão democrática e seus impactos e possíveis relações com o uso das salas de informática e a cultura popular existente nos ambientes escolares pesquisados.

Ambas as escolas pesquisadas são da rede pública estadual, nenhuma delas possui um professor lotado na sala de informática. Algumas, inclusive, enfrentam problemas com a manutenção técnica dos equipamentos.



### 3.2 IMPLEMENTAÇÃO

Com o intuito de analisar o uso das tecnologias por parte dos alunos e professores e a inserção das TIC em âmbito escolar, tendo por base a inclusão digital, foi realizada uma pesquisa de campo através de questionários entregues aos gestores de cinco escolas da rede pública estadual do município de Rio Pardo, ambas localizadas na zona urbana do município, procedimento cumprido através da aplicação de instrumento de pesquisa (Anexo A).

Encaminhado a cinco escolas, no período compreendido entre os dias 3 e 6 de dezembro de 2012, obteve-se a concordância de quatro gestores para a participação na pesquisa de campo. As escolas foram selecionadas por proximidade. A entrevistadora deixou, para preenchimento e posterior coleta, o material para os gestores.

Estruturado em torno da temática ora analisada, buscou-se levantar, através do questionário, o panorama atual de envolvimento das escolas no emprego das “novas tecnologias”.

Após o recebimento dos mesmos, por e-mail e folha escrita, os dados obtidos foram analisados, buscando descrever o cenário educacional em que o uso das novas tecnologias aqui propostas se identifica.

A forma escolhida para a apresentação e análise dos resultados foi através de gráficos das questões principais dos gestores, ilustrando as conclusões em formato de tabelas para a análise das respostas.

Os questionários são compostos por perguntas objetivas e questões discursivas, para serem respondidas conforme a ideia do entrevistado sobre determinado aspecto investigado. A resposta a cada questão ficou a critério dos entrevistados, que foram orientados apenas sobre o objetivo da pesquisa, cujos resultados são apresentados a seguir.

## 4 RESULTADOS

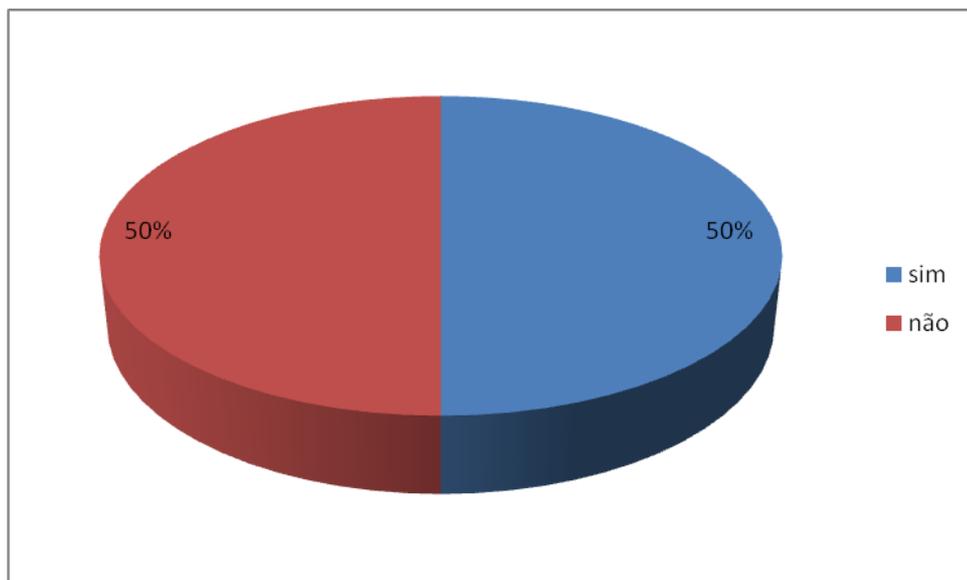
Os dados obtidos a partir da aplicação do instrumento de pesquisa entre os gestores das escolas da rede estadual de ensino localizadas na zona urbana de Rio Pardo RS, RS, permitiram que se levantassem informações a respeito do emprego das “novas tecnologias” naquele âmbito.

Organizado em dois níveis, o questionário foi estruturado em torno dos seguintes tópicos:

- 1 – Emprego de recursos de Informática – salas de informática e
- 2 – Apropriação das “novas tecnologias” como recurso pedagógico.

Desta forma, diante da pergunta “A escola possui laboratório de Informática”, a totalidade (100%) dos entrevistados respondeu positivamente.

Frente à questão “Em caso positivo, há professor com dedicação exclusiva para a monitoria desse espaço?”, todavia, as respostas obtidas indicaram que apenas a metade (50%) das escolas participantes do levantamento contam com monitor(a) em seus laboratórios de Informática, como descrito na Figura 1, abaixo, ressaltando-se que em uma das unidades de ensino, a disciplina de Informática integra o currículo a partir do 6º ano.



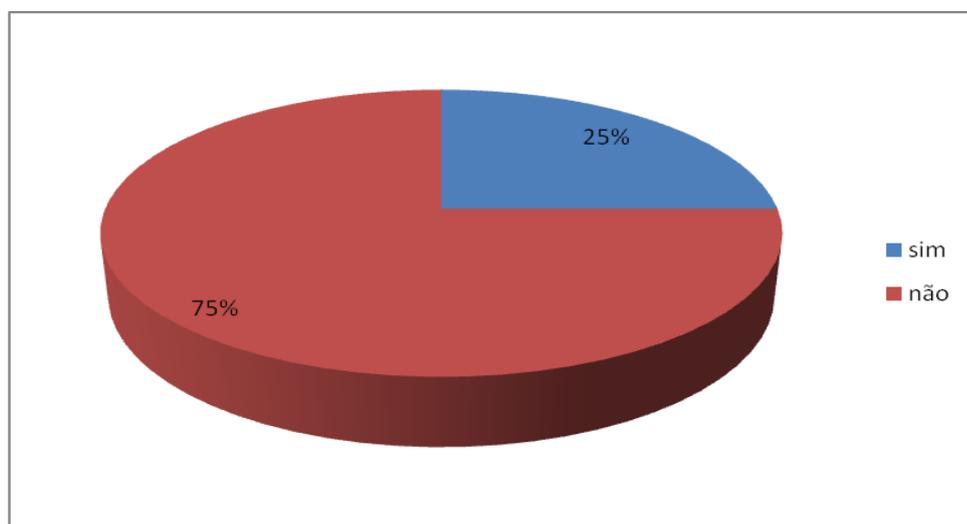
**Figura 1** – Laboratórios de Informática com professor monitor  
(professor com dedicação exclusiva)

Solicitados a descrever “as principais atividades desenvolvidas com os alunos, a partir do emprego de recursos de Informática (independente da oferta de espaço exclusivo para tanto)”, os gestores entrevistados enfatizaram a digitação de textos produzidos pelos alunos, leitura de jornais e textos, produção de textos variados (histórias em quadrinhos, crônicas, contos e textos jornalísticos) pesquisas na Internet, aplicação de testes online, criação de apresentações em PowerPoint e atividades (cruzadinhas), jogos educativos, blog e revista digital (desenvolvida em uma escola por uma professora da área de Ciências).

Na unidade de ensino que inclui a Informática como componente curricular, igualmente, os conteúdos específicos envolvem, além das atividades acima descritas, o aprendizado de softwares como Word e Excel, entre outros.

Conforme o gestor de outra escola participante da pesquisa, outrossim, mesmo havendo laboratório de Informática e professor habilitado a utilizá-lo, não são realizadas atividades, em razão de deficiências de infra-estrutura, em especial a incapacidade da rede elétrica em permitir a conexão dos computadores, e a não disponibilidade de Internet.

Diante da questão “Os professores são orientados a propor aos alunos atividades que incluem a manipulação de recursos como computadores, notebooks, tablets e celulares com acesso à internet?”, a grande maioria (75%) dos entrevistados respondeu negativamente, ao passo em que os demais 25% disseram promover tal proposta em sala de aula, como demonstrado através da Figura 2, a seguir.



**Figura 2** – Orientação aos professores para emprego das “novas tecnologias” em sala de aula

De acordo com os gestores das escolas onde se estimula o emprego das “novas tecnologias” como recurso pedagógico, o planejamento é feito, em geral:

Nas reuniões pedagógicas, principalmente quando se está organizando o planejamento de algum projeto, procura-se também usar recursos tecnológicos (rádio, máquina digital, computador, internet)

(resposta incluída em instrumento de pesquisa).

Apesar de afirmações como a transcrita acima, em resposta à pergunta “Nas oportunidades de planejamento pedagógico, há espaço para a discussão do emprego das “novas tecnologias” em sala de aula?”, a totalidade (100%) dos gestores participantes do levantamento de dados realidade optou pela alternativa negativa.

Como se pode perceber, a partir dos resultados aqui apresentados, a inserção das “novas tecnologias” na educação, tal como promovida no recorte geográfico privilegiado pelo presente estudo, ocorre de forma tímida e distante das prerrogativas mais atuais demonstradas na revisão da literatura.

A presença de limitações relacionadas à infra-estrutura das escolas, no mesmo sentido, reflete a ausência de estratégias (notadamente de políticas públicas) que incorporem o uso da tecnologia no ambiente educativo, o que supõe atrasos com relação às perspectivas de gestão da educação na contemporaneidade.

Por fim, a descrição das atividades desenvolvidas tanto no entorno dos laboratórios de Informática quanto em sala de aula reforça a ideia de que as práticas pedagógicas que se apropriam das “novas tecnologias” necessitam de maior espaço nas ocasiões de planejamento, sob pena de continuarem a ser vistas como tarefas “complementares” às demais disciplinas.

## **5 POSSÍVEIS ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA FOCADAS NA OTIMIZAÇÃO DOS RESULTADOS VERIFICADOS**

Para Moran (2003), em seu artigo Contribuições para uma pedagogia da educação on-line, “com a educação on-line os papéis do professor se multiplicam, diferenciam e complementam, exigindo uma grande capacidade de adaptação, de criatividade diante de novas situações, propostas, atividades”.

Portanto, o trabalho integrando a sala de aula tida como comum e a sala de informática possibilita uma multiplicidade de propostas de trabalho no processo ensino-aprendizagem, fazendo com que o professor qualifique cada vez mais seu trabalho, tornando-o mais atrativo aos alunos dentro de uma proposta de educação interdisciplinar e de gestão democrática de forma efetiva e construtiva.

Dessa forma, a informática está se inserindo no cotidiano cada vez mais, inclusive na educação. As escolas, na sua grande maioria, estão se adaptando a essa realidade, adquirindo ferramentas de apoio à educação, sendo elas pertencentes ao âmbito da informática o que exige, primeiramente, desejo e disponibilidade dos educadores em prepararem-se para acompanharem tais evoluções.

Objetivando contribuir para a melhoria da qualidade de ensino, este capítulo visa apresentar algumas estratégias de intervenção pedagógica no âmbito da escola e, mais especificamente, no uso das salas de informática das escolas aqui analisadas.

Primeiramente, se faz necessário qualificar o processo de gestão democrática desenvolvido nas escolas da rede pública estadual. Os gestores precisam preocuparem-se, verdadeiramente, com o pedagógico das escolas. Precisam ser os incentivadores do trabalho com as novas tecnologias e, em nosso caso, com o uso da sala de informática como recurso para a efetivação da aprendizagem e não apenas como passatempo. É preciso investir e acreditar, para assim motivar.

Num segundo momento, as escolas precisam capacitar seus profissionais, de forma que se sintam seguros a utilizarem a informática como ferramenta de auxílio à educação, proporcionar a estes o conhecimento básico sobre o computador e seus programas.

Além disso, a escola em si também precisa encorajar seus integrantes a usar a informática como algo natural nas atividades, através do envio de e-mails para comunicados, a criação de chats para troca de informações e de estudos tanto entre alunos quanto entre professores-alunos-família. Outra possibilidade de enriquecimento e valorização dos trabalhos realizados na escola é a criação de blogs, entretanto todas essas possibilidades devem possuir intrinsecamente uma intencionalidade pedagógica que possibilite um novo olhar sobre as práticas até então desenvolvidas.

Ou seja, propõe-se que a escola seja vista como um espaço dinâmico e coletivo de (re)construção de saberes inerentes a realidade a qual está inserida, pois acredita-se que a aproximação com o ambiente escolar (por meio da vivência das práticas e encontros pedagógicos, baseados em reflexões teóricas, planejamento e desenvolvimento de intervenções, entre outros) pode oferecer possibilidades de melhoria da qualidade de ensino das escolas .

Só assim, os educadores poderão planejar coletivamente atividades que possibilitem a interação entre alunos-professores-conhecimentos desenvolvidos nas diferentes áreas do conhecimento.

## 6 CONCLUSÃO

Frente ao universo de possibilidades pedagógicas surgidos a partir da inserção das “novas tecnologias” na escola pública, há que se buscar alternativas de aproximação entre os diversos segmentos nela representados, com otimismo e abertura conceitual.

Como se pode perceber, a partir das informações aqui dispostas, a entrada em cena, na escola pública brasileira, das chamadas “novas tecnologias”, representa ao mesmo tempo um desafio e uma oportunidade sem precedentes para avanços no processo de escolarização próprio do século XXI.

Para que se obtenham resultados positivos, neste cenário, entretanto, cabe aos gestores escolares assumirem, efetivamente, uma postura de ação democrática, não apenas no que se refere à ausência de preconceitos com relação à crescente quantidade de informações originadas do ambiente social, mas em suas práticas cotidianas.

Somente assim, e a partir da valorização dos elementos da cultura popular, os quais ocupam cada vez mais a consciência dos jovens, se podem visualizar as conexões que irão, nos próximos anos, aproximar a escola dos ambientes informacionais externos à mesma, sob pena de a instituição perder seu espaço como núcleo de produção do saber.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **Gestão de tecnologias na escola: possibilidades de uma prática democrática**. 2005, s.p. Disponível em: <<http://midiasnaeducacao-joanirse.blogspot.com/2009/02/tecnologias-para-gestao-democratica.html>>. Acesso em: 21 jul. 2011.

DIÁRIO de Classe: a verdade... **facebook**, s.d. Disponível em: <<http://www.facebook.com/DiariodeClasseSC>>. Acesso em: 03 set. 2012.

DOWBOR, Ladislau. *Tecnologias do Conhecimento*. 3.ed. Rio de Janeiro, Vozes, 2001

DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?** quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 208-243.

INOVAÇÃO a favor da educação. Fundação Victor Civita, São Paulo, Edição Especial “Caminhos para Inovar”, 2012, p. 2-5.

ISADORA não vai resolver o nosso problema. **Diário de Classe**, 30 ago. 2012. Disponível em: <<http://blog-diariodeclasse.blogspot.com.br/2012/08/isadora-nao-vai-resolver-o-nosso.html>>. Acesso em: 03 set. 2012.

MENEZES, Luis Carlos de. Redes sociais: ameaças à escola ou recursos? **nova escola**, São Paulo, a. XXVII, n. 256, out. 2012, p. 106.

MORAN, José Manuel. Como a Internet muda nossa vida. **Educação humanista inovadora**, 23 mar. 2011, s.p. Disponível em:

<<http://moran10.blogspot.com/2011/03/omo-internet-muda-nossa-vida.html>>. Acesso em: 14 jul. 2011.

\_\_\_\_\_. Tecnologias para realizar mudanças profundas na educação. **Educação humanista inovadora**, 30 dez. 2009, s.p. Disponível em: <<http://moran10.blogspot.com/2009/12/tecnologias-para-realizar-mudancas.html>>. Acesso em: 14 jul. 2011.

\_\_\_\_\_. Contribuições para uma pedagogia da educação on-line. In: SILVA, Marco. **Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. São Paulo: Loyola, 2003. p. 39-50.

MORENO, Ana Carolina e CALDAS, Joana. Inspirados em Isadora, 'Diários de Classe' se multiplicam no Facebook. **G1 Vestibular e Educação**, 05 set. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/vestibular-e-educacao/noticia/2012/09/inspirados-em-isadora-diarios-de-classe-se-multiplicam-no-facebook.html>>. Acesso em: 06 set. 2012.

NARODOWSKI, Mariano. Adeus à infância: e à escola que a educava. In: SILVA, Luiz Heron (Org.). *A Escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 172-177.

PADILHA, Marcia. Parceria construtiva. Fundação Victor Civita, São Paulo, Edição Especial "Caminhos para Inovar", 2012, p. 20.

PARO, Victor Henrique. *Gestão Democrática da Escola Pública*. Rio de Janeiro: 2005.

SAYEG, Fabiana. O mapa da pesquisa confiável na internet: um guia para fugir das ciladas e encontrar informação relevante no universo virtual. **Nova Escola**, a. XXVI, n. 242, mai. 2011, p. 84-87.

SQUIRRA, S. Sociedade do conhecimento. In: MARQUES DE MELO, J. M.; SATHLER, L. **Direitos à comunicação na sociedade da informação**. São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2005. Disponível em: <>. Acesso em:

UCA – Projeto Um Computador Por Aluno. Inclusão Digital Governo Federal. Disponível em: <<http://www.inclusaodigital.gov.br/links-outros-programas/projeto-um-computador-por-aluno-uca/>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

VALENTE, José Armando (org.). **O computador na sociedade do conhecimento**. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria da Educação a Distância / Programa Nacional de Informática na Educação, 1999. Disponível em: <<http://ged.feevale.br/bibvirtual/Diversos/0000001A.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2012.

**ANEXO**

## ANEXO A: INSTRUMENTO DE PESQUISA

### 1 – Emprego de recursos de Informática

a. A escola possui laboratório de Informática?

( ) sim

( ) não

b. Em caso positivo, há professor com dedicação exclusiva para a monitoria desse espaço?

( ) sim

( ) não

c. Descreva as principais atividades desenvolvidas com os alunos, a partir do emprego de recursos de Informática (independente da oferta de espaço exclusivo para tanto)

---

---

---

### 2 – Apropriação das “novas tecnologias” como recurso pedagógico

d. Os professores são orientados a propor aos alunos atividades que incluem a manipulação de recursos como computadores, notebooks, tablets e celulares com acesso à internet?

( ) sim

( ) não

e. Em caso positivo, como ocorre o planejamento para isso?

---

---

---

f. Nas oportunidades de planejamento pedagógico, há espaço para a discussão do emprego das “novas tecnologias” em sala de aula?

( ) sim

( ) não

g. Em caso positivo, relate uma experiência ocorrida neste sentido:

---

---

---

